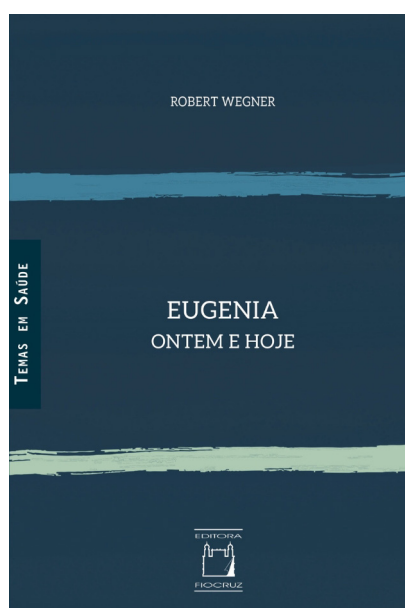


## Eugenia: ontem e hoje, de Robert Wegner (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2025)

**Leonardo Dallacqua de Carvalho** | Universidade Estadual do Maranhão

[leo.historiafiocruz@gmail.com](mailto:leo.historiafiocruz@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-7893-3092>



A eugenia é um termo que provoca tanto desconforto quanto curiosidade. Trata-se de um conceito carregado de sensibilidade histórica, cuja simples menção evoca memórias marcadas por uma constante disputa entre silenciamentos e esquecimentos. Os calafrios que a palavra suscita são justificáveis por episódios traumáticos, como o Holocausto nazista, as esterilizações forçadas nos Estados Unidos ao longo do século XX e as inúmeras formas de sua aplicação em diversos países como expressão de racismo e segregação. A eugenia do "ontem" ainda é a eugenia do "hoje", embora profundamente reformulada e adaptada às dinâmicas do mundo pós-Segunda Guerra Mundial.

Apesar do forte apelo do tema, a historiografia brasileira passou a abordá-lo de forma mais sistemática apenas nas últimas três décadas. Obras de grande impacto, como *The wellborn science*, coletânea organizada por Mark Adams (1990), e *A hora da eugenia*, de Nancy Stepan (1991), conferiram novo impulso aos estudos sobre o assunto, especialmente na primeira década do século XXI. Pesquisadores como André Mota (2003) e Vanderlei Sebastião de Souza (2019) produziram trabalhos acadêmicos relevantes, contextualizando a eugenia no Brasil e suas particularidades.

Todavia, no percurso da produção historiográfica sobre a eugenia, ainda faltava uma obra de fôlego que servisse como referência introdutória para aqueles que desejassem se iniciar na temática. Um trabalho que pudesse ser utilizado nos cursos de graduação como porta de entrada para o assunto, mas que, ao mesmo tempo, oferecesse subsídios a pesquisadores da área e fosse acessível ao público mais amplo. É nesse contexto que surge *Eugenia: ontem e hoje*, do historiador das ciências Robert Wegner.

O autor é graduado em ciências sociais pela Universidade Federal do Paraná (1990), mestre (1993) e doutor (1999) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). Atualmente é pesquisador do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (Depes) da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), onde atua no Programa de Pós-Graduação desde 2001. Sua trajetória inclui estudos sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, tendo publicado, em 2000, *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*.

Wegner escreve *Eugenia: ontem e hoje* a partir de uma trajetória de mais de duas décadas dedicada ao estudo da eugenia. Aliás, grande parte da produção historiográfica sobre o tema no Brasil carrega a marca de sua atuação. Sem exagero, pode-se afirmar que o campo dos estudos sobre eugenia no país foi significativamente impactado pelas dezenas de orientações que conduziu no Programa de História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz. Teses e dissertações premiadas, produzidas sob sua orientação, figuram atualmente no estado da arte da área. Conhecido pela sua qualidade como orientador, Wegner também contribuiu por meio da organização de dossiês, capítulos de livros e artigos, em diferentes momentos de sua trajetória acadêmica. Esse breve panorama é necessário para destacar que *Eugenia: ontem e hoje* surge em um momento de maturidade intelectual e consolidação de uma trajetória que torna a obra uma referência incontornável para quem deseja iniciar estudos sobre o tema.

A obra é dividida em nove capítulos e acompanha a trajetória da eugenia desde o século XIX até os dias atuais. O primeiro capítulo, de caráter introdutório, discute a construção da ideia de raça no contexto do racismo científico, do colonialismo e da própria eugenia. A raça é apresentada como um conceito volátil, cuja historicização é fundamental para compreender seu papel nos discursos eugênicos ao longo de diferentes períodos históricos. Por essa razão, as “continuidades” e “descontinuidades” tornam-se elementos centrais na análise do historiador da eugenia.

O capítulo seguinte percorre as origens do conceito de eugenia a partir de seu formulador, o cientista inglês Francis Galton. Primo do naturalista Charles Darwin, Galton foi o idealizador da eugenia no século XIX, articulando conceitos oriundos da estatística, da matemática e da medicina. Como explica Wegner, não demorou para que a “ciência de Galton” impactasse os contextos dos séculos XIX e XX, tornando-se uma verdadeira moda intelectual. Inglaterra e Estados Unidos apropriaram-se de suas premissas, adaptando-as às suas realidades políticas, econômicas e sociais. Nesse ponto, Wegner oferece uma lição importante sobre a interpretação da eugenia: “ainda que se possa falar em modelos de eugenia e isso possa ter algum valor compreensivo para a história da eugenia, esses modelos não devem ser tomados como uniformes” (Wegner, 2025, p. 56).

Com o panorama bem delineado sobre a origem e a disseminação da eugenia, o terceiro capítulo aborda o caso norte-americano, caracterizado por uma eugenia que se articulou com o controle de imigrantes, as esterilizações em massa e os testes de inteligência. São apresentados personagens centrais, como Charles Davenport e Harry Laughlin, permitindo ao leitor compreender de que maneira a eugenia se enraizou nas ciências daquele país.

Os capítulos quatro e cinco são propositalmente complementares, uma vez que o autor direciona sua análise ao contexto brasileiro e às diferentes interpretações da eugenia entre as décadas de 1910 e 1930. *Eugenia: ontem e hoje* explica como os contextos social, político e científico do Brasil foram determinantes para a formulação de distintas concepções sobre

a eugenia. A rigor, a influência da ciência francesa – especialmente das teses neolamarckistas –, o movimento sanitaria, a medicina social e a crítica às elites pelo abandono da população sertaneja compõem o cenário detalhado pelo autor, no qual a eugenia passa a ser concebida como um projeto de modernização nacional. Além disso, a obra analisa os discursos que promoviam uma eugenia “negativa”, marcados pela recepção do mendelismo, pelos debates sobre esterilização e pela marginalização de imigrantes e grupos racializados.

O capítulo seis, por sua vez, retoma o panorama global da eugenia, concentrando-se em sua trajetória na Alemanha nazista e em países escandinavos durante as décadas de 1930 e 1940. Dinamarca, Suécia e Noruega são analisadas a partir da premissa da necessidade de cautela ao se generalizar os conceitos e práticas eugênicas entre diferentes contextos nacionais. No caso alemão, o autor propõe uma reflexão sobre a longa duração da relação entre as ideias de raça e povo, anterior à própria institucionalização da eugenia sob o regime nazista de Adolf Hitler.

Pensar a eugenia no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, seus traumas, esquecimentos e silenciamentos, é objeto de estudo do sétimo capítulo. O papel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a eugenia entendida sob uma perspectiva econômica revelam as preocupações predominantes na segunda metade do século XX. A revisitação do conceito de raça e a reflexão sobre o racismo como fenômeno contemporâneo permitem ampliar os limites da análise e compreender as novas configurações da eugenia no período pós-guerra.

O oitavo capítulo concentra-se na eugenia produzida entre as décadas de 1950 e 1980. Wegner destaca a continuidade da eugenia por meio dos discursos sobre natalidade, controle populacional e das divisões entre Primeiro e Terceiro Mundo, os quais fomentaram novas formas de controle hereditário e exclusão social. A natureza camaleônica da eugenia é um aspecto fundamental para compreender como sua capacidade de adaptação a diferentes contextos assegurou sua persistência por mais de um século.

Por fim, o último capítulo, “Da genética à genômica: estamos diante de uma nova eugenia? (1990-2020)”, aborda a história do tempo presente da eugenia. O autor instiga a discussão sobre a possibilidade de que, a partir da engenharia genética contemporânea, possam surgir novos flertes com a eugenia. Não por acaso, considera as implicações de uma eugenia que, antes concebida como projeto de Estado, hoje é “exercida pelos indivíduos na lógica do mercado” (Wegner, 2025, p. 56).

Em pouco mais de duzentas páginas, o livro de Robert Wegner vai muito além de uma simples abordagem sobre a longa duração da eugenia; constitui, na verdade, uma memória da própria história da historiografia da eugenia no Brasil, sendo que sua trajetória como pesquisador e orientador se confunde com essa produção acadêmica. A qualidade da escrita e a clareza com que discute temáticas conflitantes relacionadas à eugenia, desenvolvidas nas últimas décadas, me autorizam a concluir que a obra de Wegner representa o “ontem e o hoje” da historiografia sobre a eugenia.

## Referências Bibliográficas

- ADAMS, M. (ed.). *The wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.
- MOTA, A. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. São Paulo: DP&A Editora, 2003.
- SOUZA, V.S. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil: ciência, raça e nação no período entreguerras*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019.
- STEPAN, N.L. *"The hour of eugenics": race, gender, and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- WEGNER, R. *Eugenia: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2025.

Recebido: 11/07/2025

Aceito: 30/09/2025